



ASPECTOS DO COTIDIANO A PARTIR DOS PROCESSOS CRIMINAIS DO FUNDO DA COMARCA DE MALLET (1925-1940)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3581

Lucas Kosinski, UNICENTRO

Leonardo Henrique Lopes Soczeck, UNICENTRO

Filipe Arnaldo Cezarinho, UNICENTRO

Resumo

O objetivo é apresentar aspectos da vida cotidiana a partir de processos criminais de homicídio e lesão corporal do Fundo Judiciário da Comarca de Mallet/PR, atualmente sob guarda do Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual do Centro-Oeste, *campus* Irati, entre 1925-1940, um período com elevado número de registros criminais na região. Os processos criminais registram relações que vão além do crime registrado e tornam-se importantes fontes para o historiador do cotidiano. Entretanto, desde as primeiras décadas do século XX, diferentes significados foram atribuídos à noção de cotidiano na historiografia ocidental. Uma das primeiras obras a abordar a vida diária foi “A Sociedade Feudal” (1939-1940), de Marc Bloch, Fernand Paul Braudel deu contribuições importantes para este tipo de estudo em sua coletânea “Civilização material economia e capitalismo” (1967), perspectivando a constituição da vida material e sua relação com a economia, em uma abordagem diferenciada Michel de Certeau escreveu “A Invenção do Cotidiano” (1980), preocupado com as operações de consumo perceptíveis na cultura ordinária. Partindo das considerações teóricas de Michel de Certeau, especificamente das noções de estratégias e táticas, espaços e lugares, identificamos a configuração de uma região de controle da violência, além de diferentes operações de consumo em casas comerciais, festas familiares e ruas.

Palavras Chave:

Cotidiano; História da Violência; Processos-criminais; Mallet/PR.

Introdução

Diferentes contextos produziram diferentes noções sobre o estudo da vida cotidiana, no âmbito historiográfico. Com o declínio da História Política, no final do século XIX, o início do século XX, trouxe novos rumos para os historiadores franceses. Estes, se aproximaram das considerações feitas no campo da Geografia e da Sociologia para pensar o passado como ciência. Disto, resultou a transferência do interesse individual, do fato histórico, e do ídolo político à perspectiva social, portanto universal. Tornou-se necessário compreender as instituições que regiam a sociedade perspectivada em um certo período de tempo.

A obra de Marc Bloch, “A Sociedade Feudal”, evidencia a preocupação do historiador em retratar as instituições sociais medievais. Bloch perspectivou a Europa Central e Ocidental do século IX até o século XIII, apresentando aspectos geográficos, relacionando-os como as invasões muçulmanas, normandas e turcas que se estabeleceram nesse meio. Além da configuração das ordens políticas, também dedicou alguns capítulos sobre as formas de se pensar e agir do medievo, aproximando-se da vida diária, da caça, do cultivo e da higiene (BLOCH, 1987).

Fernand Braudel deu contribuições decisivas para o estudo do Cotidiano em “Civilização Material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII”, lançada em 1967 em três volumes. “As Estruturas do Cotidiano”, “O Jogo das trocas”, “O Tempo do Mundo”. No primeiro volume, Braudel problematizou a vida material, dedicou-se em compreender a alimentação da França até o Mediterrâneo, percorreu também pela Turquia e pela Pérsia. Ao analisar as oscilações do preço do pão, não se limitou apenas à condição econômica, privilegiando também o regime calórico da mesa, do superficial ao extraordinário.

Escreveu sobre a utilização destes alimentos para refeições em receitas e o impacto econômico que acarretou grandes fortunas àqueles que passaram comercializar o chá e o café e as bebidas alcoólicas (BRAUDEL, 2009).

O segundo volume retratou a economia de mercado. Desde as pequenas feiras, onde as relações de troca, produção e consumo eram perceptíveis de forma mais clara, até o desenvolvimento das mesmas que resultou no aparecimento de mercados, lojas e bancos. Um estudo que além de considerar as fontes econômicas em uma realidade de longa duração, afinal a obra compreende três séculos, não deixou de lado as conversas informais sobre os negócios, o palavreado das mulheres nas feiras, o luxo e o conforto da vida burguesa europeia do século XVIII, contrastando com a realidade colonial brasileira deste período (BRAUDEL, 2009).

No terceiro volume, as problemáticas dirigiram-se à geografia cambiante, compartilhadas entre vilarejos e nações. Apresentou as mudanças ocorridas em um tempo bastante longo, “o tempo do sábios” nas palavras do historiador (BRAUDEL, 2009). Vale ressaltar que no estudo de Braudel, a vida material que faz parte do cotidiano está diretamente atrelada à economia das massas, como se uma fosse reflexo da outra sendo essa uma das suas limitações. Por isso, um estudo que se situe nessa perspectiva, deve ser cuidadosamente analisado, principalmente quando o pesquisador opera com o conceito de classes, seja numa perspectiva funcionalista, ou estrutural marxista. Afirmo Mary Del Priori:

O que se aprendeu é que empobrecem o objeto; quer porque se esgotam em tipologias descritivas sem qualquer valor heurístico, quer porque se atêm a histórias de vida segundo uma estrutura que obriga o pesquisador a manusear uma dupla linguagem, sem conseguir articular

uma verdade singular e uma verdade estrutural (DEL PRIORI, 1997, p.258).

Diferente da perspectiva das classes é a problemática sobre o cotidiano apresentada por Michel de Certeau em seu livro “A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer”.¹ Neste estudo distanciado da análise do cotidiano das massas conforme a perspectiva marxista fazia até então. Certeau preocupado com o consumo do homem comum, herdeiro da *métis* grega, evidenciou que as formas de resistência são extremamente complexas, por vezes despercebidas a ponto de considerá-las banais, o que deixa explícito que a alienação não existe, mas sim práticas de consumo, astúcias cotidianas, onde sempre que possível o “mais fraco” joga com o “mais forte”, revertendo o jogo a seu favor.

Partindo das considerações de Michel de Certeau é que nos propomos problematizar aspectos do cotidiano malletense através dos rastros judiciários que são os processos criminais do Fundo Judiciário de Mallet, no recorte de 1925-1940, período de elevado registro de casos criminais.

Antes de nos atermos aos referidos aspectos, vale um breve histórico sobre a história do município. O interesse em colonizar o vale médio do Iguaçu, associou-se a uma política republicana que tinha como principal objetivo defender os limites territoriais do Paraná da vizinha

Santa Catarina. Por volta de 1890, o governo paranaense iniciou a campanha de povoamento desta região, formando uma série de colônias estratégicas à margem direita do rio. Surgiram então as colônias de São Mateus (1890), Água Branca (1891), Santa Bárbara (1891), Palmira (1891), Rio Claro (1891).

Com a construção da linha férrea Brazil Railway Company atravessando o sertão paranaense dominado pelas matas de araucárias, os trilhos da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande chegaram no ano de 1903 nas proximidades de Rio Claro. Originou-se a partir de então, uma nova parada chamada “Estação Marechal Mallet”, o que possibilitou a entrada de inúmeros imigrantes de descendência polonesa e ucraniana, que viram na exploração econômica do mate o principal fator de desenvolvimento do pequeno núcleo colonial. (WACHOWICZ, 1978, p.154-155). Não tardou muito para que Mallet recebesse o título de município em 15 de abril de 1912.²

De 1925 até 1940, registrou-se a uma onda de registros criminais, tanto na cidade, quanto no campo sendo vinte e um crimes de homicídio e vinte e oito de lesão corporal.³ Esta elevação decaiu em 1940, quando começou a elevar-se novamente um ano depois. O motivo de tal elevação relaciona-se aos aspectos políticos, econômicos e sociais deste período. Nosso interesse recaiu sobre os aspectos do cotidiano perceptíveis nesta documentação e nesta temporalidade.

¹ Obra escrita por Michel de Certeau e outros pesquisadores como Luce Girard e Pierre Mayol. Dedicada para compreender a cultura francesa da década de 1970, teve como apoio financeiro a Secretaria de Estado da Cultura, através de Austin Girard, responsável pelo Serviço de Estudos e Pesquisas. A obra tem como referência Michel Foucault, Pierre Bordieu e Sigmund Freud.

² IBGE – Mallet-Pr – Histórico. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/mallet.pdf>, último acesso em setembro de 2017.

³ Consideramos para este trabalho os casos de homicídio e lesão corporal. No que se refere aos

processos criminais, optamos pelos registros de homicídio e lesão corporal. Isto porque, de acordo com Muchembled, a análise dos processos criminais de homicídio são fontes mais seguras para o estudo sobre história da violência, pois quando acontecem, são casos mais visíveis aos olhares da sociedade (MUCHEMBLED, 2012, p.21).

Karl Monsma sustenta a tese de que a análise dos processos criminais de lesão corporal são fontes mais seguras para se identificar as tensões entre grupos diferentes, uma vez que diferente dos casos de homicídio, a vítima também tem a possibilidade de relatar sobre o crime ocorrido (MONSMA, 2005, p.16).

Afinal, qual a noção de cotidiano é aqui aplicada? Reportamo-nos a Certeau, que o sugere da seguinte forma:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (CERTEAU, 2012, p.31).

Partindo desta noção, é que nos propomos analisar as vivências dos envolvidos nos crimes, identificando a forma como os mesmos levaram as suas vidas, marcadas pela opressão, pela fadiga, pelo peso do dia a dia. Os relatos perceptíveis nos processos criminais nos demonstram a história dos indivíduos comuns, seus hábitos diários, seus costumes, suas sociabilidades, suas profissões, suas maneiras de fazer a vida. Eles nos permitem perceber a vida “retirada”, às vezes despercebida, mas que ainda assim, não foge aos olhos do historiador.

Um olhar mais atento nestas fontes nos sugere a configuração de um região de controle da violência, a partir da produção de espaços e lugares. Espaços e lugares tratam-se de noções também produzidas pelo historiador Michel de Certeau.

Para o historiador, o espaço existe “(...) sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável de tempo” (CERTEAU, 2012, p.184). O espaço existe pelos movimentos variáveis que neles se desdobram, por indeterminações e polivalências, diferente de lugar que, de acordo com Certeau, é uma “(...) ordem (seja qual for) segundo a qual se

distribuem elementos nas relações de coexistência. (...) um lugar é, portanto uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 2012, p.184). O lugar é um espaço racional que subordina os elementos a uma determinação específica.

O que converte espaços em lugares e, lugares em espaços são os relatos, eles demarcam espaços e constituem os lugares, estabelecendo nesses espaços certa ordem, certa definição, precisa demarcação, especificidade, certa criação cultural, conforme afirmou Certeau: “Os relatos efetuam, portanto um trabalho que, incessantemente transforma lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (CERTEAU, 2012, p.185-186).

Em outros termos, o que o relato faz é que ele estabelece uma ordem, cria um lugar específico em um espaço marcado por aquilo que é indeterminado. Acontece a operação que transforma espaços em lugares. Porém, a tentativa de se exercer o poder constituindo um lugar, pode ser burlada na medida em que as práticas sociais dos sujeitos inseridos nesses lugares supostamente determinado efetuam diferentes espaços, elaborando desta forma outros relatos. Desta, forma a partir dos relatos podemos pensar as práticas de violência registradas nos processos criminais de Mallet como produtoras de diferentes espacialidades, caracterizadas pela multiplicidade das vivências cotidianas, marcadas pela prática da violência. Assim como também podemos pensar a constituição de lugares produzidos pelo Poder Judiciário como tentativa de estabelecer certa ordem, caracterizar especificidades, de se fazer exercer o poder através da punição da violência. Explicitam-se, dessa forma, as práticas do Poder Judiciário em relação às espacialidades. Os demais aspectos do cotidiano serão apresentados a seguir.

As casas comerciais

As casas comerciais eram espaços onde aparentemente se vendia um pouco de tudo. Eram nesses espaços que os operários, lavradores, marceneiros, sapateiros, domésticas, funcionários públicos, homens, mulheres, jovens, adultos e até crianças costumavam frequentar, seja para comprar alguma coisa que faltasse no lar, como erva para chimarrão, fumo para o cigarro de palha, cereais para alimentação, seja para palestrar sobre os últimos ocorridos, ou até para tomar uns tragos depois do trabalho e nos finais de semana.

Não podemos afirmar que eram espaços apropriados apenas por homens, porque as mulheres também estavam lá. Eram elas que faziam compras, ou se reuniam com outras mulheres para conversar sobre o dia a dia, enquanto os homens tomavam cerveja e conversavam em boa ou má harmonia. Eram elas também, esposas dos proprietários das casas comerciais, que auxiliavam atrás do balcão, intercalando os afazeres da venda com os serviços do lar.

Nestas casas, um toque sem autorização no chapéu, no paletó ou no revólver, um olhar torto ou uma palavra atravessada, ou mesmo uma simples recusa ao convite de beber era motivo para exaltação de ânimos, gerando desinteligências, por vezes fatais. É o que aconteceu no dia 15 de Julho de 1927, por volta das 17 horas na casa de negócio de Adelino ⁴ em Rio Azul, distrito de São Pedro de Mallet.

Após uma partida de futebol, reuniram-se na dita casa comercial, Salvador Manoel e Júlio para tomar umas cervejas. Segundo Salvador, Adelino pagou aos demais duas garrafas. Terminada a bebida, Júlio pediu a Manoel

que pagasse mais uma aos companheiros. Manoel recusou, nesse instante Júlio disse “então eu pago”⁵ Manoel levantou-se e disse que “uma garrafa de cerveja não quebrava ninguém”⁶ Júlio perguntou se Manoel tinha se zangado. Mas Manoel nada respondeu, apenas pegou o seu revólver e buscou acertar Júlio.

Nesse momento, Salvador, Adelino e sua esposa, Maria Joaquina, interviram tentando acalmar o conflito. Júlio deixou o local e Manoel logo se dirigiu atrás dele, pouco tempo depois enquanto Salvador estava no interior da casa de negócios, ouviu dois tiros. Quando este saiu, avistou Júlio se esvaindo em sangue e Manoel montado em seu cavalo, deixando o local do crime.⁷ Ao ser intimado pela polícia, Manoel foragiu, apresentou-se apenas um ano depois para audiência criminal. Neste período de tempo, Maria Joaquina faleceu, seu marido deixou o distrito de Mallet e as outras testemunhas não foram mais encontradas, o que favoreceu a ausência de provas capazes de incriminar o acusado. Frente a esta situação Manoel alegou legítima defesa, e conseguiu absolvição.

Assim como as pessoas consumiam de forma diferenciada os lugares das casas comerciais, constituindo diversas espacialidades, comprar, palestrar, beber, brigar, os sujeitos ordinários se apropriavam de diferentes formas, das festas familiares.

As festas familiares

Quando alguém nascia ou casava era, para parte dos habitantes de Mallet motivo de comemoração! A união de duas famílias, ou a chegada de uma criança poderia significar o reforço de laços familiares importantes, que favoreciam a coesão social. De qualquer

⁴ De forma a não violar a identidade dos envolvidos, optamos por manter apenas o primeiro nome dos personagens.

⁵ CEDOC: PB003. 1/9.2, fl.2.

⁶ CEDOC: PB003. 1/9.2, fl.2.

⁷ CEDOC: PB003. 1/9.2, fls.6-7.

forma, situações como estas não poderiam passar despercebidas. Chamavam-se os vizinhos, os amigos, os parentes distantes para celebrar com música, comida, bebida e dança. Os maridos acompanhavam as mulheres e os filhos. Afinal, a vida não era só trabalhar! Às vezes, questões particulares sobressaiam-se na festa, tendo como consequência a violência, e a reunião que tinha por motivo celebrar a vida, resultava em agressão ou até mesmo morte.

No dia 26 de julho de 1936, em uma festa de batizado residência de João no quadro urbano da vila de Mallet. João e Anna pediram para que sua filha Paranka de 12 anos fosse convidar os vizinhos para celebrar o nascimento do seu irmão. Era por volta das 18 horas quando chegaram os primeiros convidados, compadres de seus pais, Marcos e Sofia. Neste momento, Anna pediu para que Paranka se recolhesse ao seu quarto, em virtude da conversa de seus pais com as visitas. A menina foi até seu quarto, e depois de alguns minutos, desobedecendo a ordem da mãe, retornou à cozinha.⁸

Na cozinha, se encontravam seus pais palestrando com seus compadres, mais os amigos Miguel, Nicolau, Sofia, Marcos e Elias. Enquanto alguns palestravam tomando chimarrão, outros, animados entoavam canções patrióticas ucranianas ao som do violino de João.⁹ De repente, sem ser convidado entrou no recinto João Marcos disposto a participar da farra, começou a dançar e bater os pés no meio da cozinha. Enquanto João tocava violino, João Marcos dançou e pisou várias vezes no pé da menina Paranka, ela reclamou os desaforos e o mesmo revidou-os com insultos.¹⁰

Nessa ocasião, João, Marcos, Miguel e Elias o retiraram da sala onde estava dançando, levando o até o portão

da casa. Como estava escuro ninguém soube dizer o que aconteceu do lado de fora. Ao ver o aglomerado de pessoas Sofia também se dirigiu para fora. Ao aproximar-se do portão, encostou no braço de seu marido Marcos que sem forças caiu desmaiado. Assustada gritou, pedindo que trouxessem água para seu esposo. Os homens carregaram Marcos para luz. Mas era tarde, ele estava morto com um corte na região da barriga. As pessoas logo atribuíram a culpa do crime a João.¹¹

Quando intimado pela polícia a comparecer para prestar depoimento cinco dias depois, João disse que estava embriagado que podia ter cometido o crime por repulsa a um empurrão que lhe foi dado por um dos homens que o encaminhou ao portão. Todavia, por medo da polícia, ele pernoitou no mato até aquele momento e que estava profundamente arrependido do crime que cometeu.¹² Depois de passar um mês na cadeia, João contratou um advogado, alegou que não cometeu crime nenhum, e como não havia provas suficientes, foi inocentado da acusação. O processo que João respondeu, demonstra diferentes formas de consumo de uma festa, outras operações também são perceptíveis nas ruas.

As ruas

Muito mais do que lugares destinados para o tráfego, as ruas eram apropriadas pelas pessoas, nas mais variadas formas. Afinal, de acordo com Certeau, o cotidiano é reinventado sempre que possível! Nelas, formam-se canais de informação, onde os últimos ocorridos na vila, e além circulavam na boca do povo. Na manhã de 06 de junho de 1932, Antônio dirigia-se para a roça de sua propriedade, no Serro Só, quando foi

⁸ CEDOC: PB003. 1/16.2, fls. 10-11.

⁹ CEDOC: PB003. 1/16.2, fls. 11-12.

¹⁰ CEDOC: PB003. 1/16.2, fl.24.

¹¹ CEDOC: PB003. 1/16.2, fls. 09-10.

¹² CEDOC: PB003. 1/16.24.

parado por um carroceiro, o qual o avisou, que seu companheiro João havia sido assassinado pelo seu filho, João Júnior, que sofria de demência, e ainda havia ferido Antônio, na casa de sua residência. Antonio deixou tudo o que tinha para fazer, e correu até a casa de João para prestar solidariedade à família.¹³

Agostinha e seu marido Francisco souberam na rua que sua filha Maria Olga havia falecido na tarde de 21 de setembro de 1932, em Vera Guarani. As suspeitas caíram imediatamente sobre o genro Júlio, único que estava no sótão junto com Maria quando esta morreu com um tiro. Júlio foragiu-se, e a família ficou sem saber se o ocorrido tratou-se de um assassinato ou suicídio.¹⁴

É na rua que os meninos na casa dos 20 anos, encarregam-se de acompanhar as moças que saem da igreja até as suas casas. No caminho, fazem gracejos, correm, apontam armas, sem medir as consequências. Na noite de 12 de maio de 1928, quando terminada a Novena de Maria na Igreja de Dorizon, Elias e Basílio ofereceram companhia às moças, Maria, Guenia, Catarina, Maria Bruna e Maria Augusta.

Enquanto Elias ia à frente do grupo com uma lanterna, Basílio ia mais à frente correndo com sua arma. Quando chegaram a uma bifurcação, Basílio ficou de cócoras e disparou dois tiros contra o grupo, acertando o quadril de Maria Augusta. A mesma foi carregada até a sua casa pelas demais meninas, onde foi medicada. Basílio prometeu pagar as despesas hospitalares, mas foragiu-se da justiça até o encerramento do processo que foi acusado.¹⁵

É também nas ruas, que os jovens casados e solteiros, reúnem-se em busca da diversão nos dias santos e finais de semana, ainda que tal diversão pudesse resultar no sangue. No domingo 6 de

fevereiro de 1927, Nicolau, Simão, Martin, Nicolau Mariano, Nicolau Anísio, Estanislau, e Daniel encontraram-se nas ruas de Vera Guarany para beber. Às 18 horas, dirigiram-se todos os companheiros à casa de negócio de Romão, onde pela janela, por estar fechado o negócio, Daniel comprou e bebeu meia garrafa de cachaça em companhia dos demais amigos. Quando se retiravam, procurando cada um tomar o rumo de sua casa, Estanislau em seu cavalo sacou de um revólver e começou a dispará-los como salva, indo um dos projéteis acidentalmente ferir Daniel que faleceu em consequência do ocorrido, Estanislau fugiu e não foi encontrado pela justiça.¹⁶

Considerações finais

A análise dos casos estudados, tratam-se apenas de resultados parciais da pesquisa. Entretanto, neste breve estudo podemos identificar além da configuração de uma região de controle da violência, resultante da produção de espaços e lugares, diferentes formas em que os sujeitos comuns enfrentavam a vida diária.

Na produção, apropriação e reapropriação de espaços de sociabilidades, seja nas Casas Comerciais, lugares supostamente destinados para venda de produtos, mas também reservados para conversa informal, para o encontro das mulheres e dos homens, jovens e crianças. Sejam nas festas familiares caracterizadas pela invenção manutenção de laços sociais importantes, onde celebravam-se casamentos, batizados, aniversários, mas também onde se resolviam questões de trabalho, acertos de contas, onde ocorriam relações de confronto. Seja pelo consumo da rua, onde caminhavam as moças, os jovens, as mulheres, onde tentava-se resolver as questões políticas, onde os jovens se divertiam bebendo e atirando, onde circulavam informações que traziam a

¹³ CEDOC: PB003. 1/20.2.

¹⁴ CEDOC: PB003. 1/28.3.

¹⁵ CEDOC: PB003. 1/23.3.

¹⁶ CEDOC: PB003. 1/10.2.

aflição, mas que também resultavam na solidariedade. Aspectos de um cotidiano distante, mas ainda possíveis a partir da análise dos processos criminais

Referências

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII**. As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII**. O jogo das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII**. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do**

cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEL PRIORI, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Capus, 1997.

EPERÓN, Juan P. Diálogo Nietzsche-Heidegger sobre a diferença como superação do pensamento filosófico. **Revista Trágica**. Estudos Sobre Nietzsche. 2º Semestre 2010 V.3 N.1

MONSMA, Karl. Histórias de violência: Inquéritos policiais e processos criminais como fontes para o estudo de relações interétnicas. In: DEMARTINI, B FABRI, Z. (Org.) **Estudos Migratórios**. São Paulo: EDUFSCAR, 2005.

MUCHEMBLED, Robert. **História da Violência**. Do fim da Idade Média aos Nossos Dias. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Editora Paraná, 1978